

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

16. A droga “na família”

Responsável EOL: Luis Darío Salamone

Participantes: Nicolás Bousoño, Romina Carbone, Jorge Castillo, Mariela Coletti, Darío Galante., Elvira Dianno, Guillermo Drikier, Cecilia Fava, Martín Fuster, María Pia Marchese, Silvia Ons, Miriam País, Adrian Secondo, Daniel Silliti, Claudio Spivak, Catery Tato, Jazmin Torregiani, Oscar Zack, Belén Zubillaga

Tudo o que posso ser para você é a escuridão que conhecemos.

Amy Winehouse

Sabemos que não são muitas as referências na obra de Freud e de Lacan sobre a questão das toxicomanias, no entanto nós psicanalistas extraímos delas um grande aprendizado, tomaremos somente algumas trabalhadas para introduzir-nos nos assuntos de família, depois analisaremos como se trabalha esta questão atualmente, como tem sido tratada e a perspectiva que nos brinda a psicanálise.

1. Os complexos familiares.

Jacques-Alain Miller considera “Os complexos familiares...”, de Jacques Lacan, como um trabalho precursor dos seus ensinamentos, já que nos brinda uma boa síntese da teoria do desenvolvimento psíquico e da sua clínica.¹ Neste texto Lacan parte de considerar que a cultura constitui a “dimensão específica da família humana”.² Ali aparecem as primeiras

¹ Miller, J.-A., Lectura crítica de los complejos familiares de Jaques Lacan. *Freudiana* 47, p. 8.

² Lacan, J., Los complejos familiares en la formación del individuo. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 34.

conceptualizações sobre a questão das toxicomanias a partir do enfoque psicanalítico. Situa a toxicomania como a série das consequências possíveis do trauma psíquico produzido pela separação do seio materno. Diz:

De fato, o desmame, através qualquer das contingências operatórias que implica, é frequentemente um traumatismo psíquico cujos efeitos individuais – anorexias chamadas mentais, toxicomanias por via oral, neuroses gástricas – revelam suas causas à psicanálise.

Logo relaciona às toxicomanias ao que chama de "o apetite de morte", uma força específica do psiquismo do homem. Diz:

Esta tendência psíquica à morte, perante à forma original que lhe acrescenta o desmame, se revela em suicídios muito diferentes que caracterizam-se como "não violentos", ao mesmo tempo que se observam nestes a forma oral do complexo: greve de fome da anorexia mental, envenenamento lento de certas toxicomanias por via oral, regime de fome das neuroses gástricas. A análise mostra que neste abandono à morte, o sujeito busca reencontrar a imago da mãe.

Situando as adições sob a rubrica dos suicídios "não violentos" atrelando-as assim às diversas formas que podem ter as consequências da desarmonia sexual entre os pais.

O sujeito ficará condenado a repetir indefinidamente o esforço do afastamento da mãe - e aqui se encontra o sentido de todo tipo de conduta forçadas, que vão desde certas fugas da criança até impulsos errantes e as rupturas caóticas que singularizam a conduta de uma idade mais avançada; ou o sujeito permanece prisioneiro das imagens do complexo, e submetido tanto à sua instância letal como a sua forma narcisista - é o caso do consumo mais ou menos institucionalizado em que, sob a luz do termo suicídio não violento, marcamos o sentido de certas neuroses orais ou digestivas.³

Também neste texto antecipava o que começava a manifestar-se como uma degradação das figuras de autoridade e a tendência à debilidade da função paterna.

Localizam-se as toxicomanias a partir do conceito de complexo, como uma das contingências possíveis da tentativa de rejeição da perda, como um elemento que está ali em função

³ *Ibidem*, p. 93.

de fazer existir uma ligação ao materno, deixando ao sujeito mortiferamente detido no seu caminho de realizar-se no intercâmbio com o social. Nas palavras de E. Laurent “a toxicomania encarna o esforço mais forte por fazer existir o objeto perdido como um objeto do mundo”.⁴

A não ser o objetivo do psiquismo a adaptação, encontramos na explicação do fenômeno da toxicomania a ideia de uma satisfação que vai além dos limites da vida.

Assim a família demonstra ser um lugar onde começa a determinar-se a relação de um sujeito com seu gozo. Uma satisfação que pode tornar-se devastadora, na medida que “o ser que absorve fica completamente absorvido”,⁵ uma totalidade que no seu estancamento é mortífera. Há sido Ernesto Sinatra quem desenvolveu a questão de como o consumidor é o objeto de consumo, sendo este um verdadeiro sintoma social.⁶

2. Uma resposta perante o sinistro

A novela familiar põe em cena este gozo inquietantemente familiar que tem seu prelúdio no clássico escrito freudiano onde se enlaçam o familiar e o sinistro.

A “operação toxicômana”, como há sido denominada por Mauricio Tarrab, pode ser a resposta de um sujeito ante a irrupção angustiosa de um gozo insuportável no contexto da constelação familiar. Sigmund Freud sinalizou que o “ominoso é aquela variedade do terrorífico, que remonta ao velho costume, ao familiar desde um longo tempo”.⁷

Freud sinaliza que nas línguas de seu conhecimento, não há um único termo que permita traduzir as diferentes acepções do adjetivo alemão “*unheimlich*”. Toma nota de que em algumas obras lê *unheimlich* e *heimlich*, apresentam-se no seu uso como intercambiáveis e inclusive reversíveis. Ou seja, que neste possível emprego da palavra aparece o rasgo do sentido que retorna, como aquilo recalcado que se oculta, no entanto, permanece à vista de todos. Mas não se trata somente de significantes, há algo do real que se põe em jogo, algo que a angústia mostra e ante o qual o sujeito pode buscar outra solução.

⁴ Laurent, É., Conferencia, *Del hacer al decir*. Buenos Aires: Plural. 1998, pp. 71-72.

⁵ Lacan, J., Los complejos familiares en la formación del individuo. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 43.

⁶ Silliti, D., Sinatra, E., Tarrab, M., *Más allá de las drogas*. La Paz: Plural. 2000, p. 47.

⁷ Freud, S., Lo ominoso. *Obras completas*. Tomo XVII. Buenos Aires: Amorrortu. 1996, p. 220.

A Guerra serve como exemplo disso, do que “retorna”. Quando os homens que lutaram nela se reencontram com aqueles que não foram a frente de batalha, se enfrenta a esta nova ordem. Buscam readaptar-se a uma vida familiar, conhecida, doméstica, “Heimlich”, que forçadamente não é a que deixaram. A vida tal como era conhecida mudou de maneira radical com o retorno destes soldados que se confrontaram não só com inimigos concretos, mas também com “os ousados empreendimentos do seu duplo parasita neoformado”:⁸ o novo- “eu guerreiro” do soldado que se enfrenta ao seu antigo “eu da paz”.

Esta figuração de um eu como um duplo parasita contém os elementos de um relato com um núcleo sinistro que está presente no conto de Hoffman titulado “O homem de areia”. Recria-se um “mito familiar do neurótico” onde o sinistro suscita com toda evidencia um prazer especial. Podemos pensar em muitos casos as toxicomanias como uma resposta ante a irrupção deste gozo insuportável, como uma forma de procurar processar o sinistro por uma via toxica, onde se joga um gozo que, no entanto, pode chegar a configurar um retorno do mesmo, de algo extimo, deste real tão familiar como estranho para o sujeito.

3. Mais além do familiar

É evidente que, de acordo com a casuística que contamos, as adições não respondem necessariamente – como os sintomas clássicos – a avatares vinculados à lógica edípica nem com a neurose infantil.

Para considerar a temática “famílias e drogas”, é necessário localizar previamente os efeitos do capitalismo nos laços familiares. A família nem sempre há tido limites tão estreitos nem uma extensão tão restringida como a que tem na atualidade nos países ocidentais.

Já Marx e Engels se queixavam de que os comunistas eram acusados de querer destruir a família, quando estava claro que a maior ameaça que havia pesado sobre esta era constituída precisamente pelo desenvolvimento do capitalismo. Conforme os salários vão sendo reduzidos – explicavam Marx e Engels – fica cada vez mais difícil manter a uma família somente com um único salário.⁹ Homens e mulheres trabalham de doze a quatorze horas por dia. Afim a este pensamento Lacan afirmou que não há mais que um sintoma social:

⁸ *Ibidem*, p. 240.

⁹ La familia en la sociedad capitalista. A propósito del capítulo 13 de La era del capital. Marx, K., *El capital*. Madrid: Axal. 2000.

“Somente há um sintoma social, cada indivíduo é realmente um proletário, ou seja, não possui nenhum discurso que lhe permita fazer vínculo social, dito de outra maneira, semelhante”.¹⁰ Ser um proletário equivale a valer no mercado exclusivamente como valor de troca, carecer em definitiva de outro valor que não seja o fixado pelo intercâmbio. Interessar, no final das contas, como uma moeda que ainda está em circulação. Para Lacan não só é proletário aquele classicamente é considerado como tal, mas cada indivíduo, não cada sujeito. Esta afirmação se compreende melhor, se pensamos que o proletário por sua inserção no mercado de valor há perdido justamente seu valor subjetivo. Já, na primeira parte do *Capital*, Marx mostra como a relação entre os mesmos homens adota “a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”.¹¹ Tal inserção anula a capacidade discursiva que é a que possibilita os laços, então as relações entre os homens estão determinadas pelos lugares que ocupam no intercâmbio. Neste momento do capitalismo, já não calvinista mas tardio, não só há que pensar nos termos tão bem definidos por Marx, mas nas ofertas de consumo estimulantes de um gozo ilimitado, ofertas que anulam ao Nome-do-Pai como regulador. Por exemplo, esta propaganda de uma empresa de celulares que transmite o grande benefício de “falar ilimitadamente”, mas isso que é sinalizado como uma “maravilhosa vantagem”, não seria um tormento? Talvez seja exagerada a comparação, mas se nos remitimos a *Divina Comédia*, o inferno é o lugar das penas eternas. Dante quis, na Alta Idade Média, representar o inferno – entre outras coisas – não somente pelo castigo como também pelo caráter ilimitado deste. Alguém dirá que falar não é um castigo, mas se for pensado como um fato interminável, logo se vê a relação. É o que acontece no campo da adição. Não é somente questão de gozo, trata-se de gozar sem parar, de um gozo que a partir disso pode tornar-se mortificante.

4. O familiar do gozo tóxico.

Esta temática une-se à questão da toxicidade tão promovida e ao mesmo tempo sinalizada como um perigo que ronda. Desde os 90 os expoentes mais TAQUILLEROS das TCC viralizam a ideia dos laços tóxicos: “amores tóxicos”, “pais tóxicos”, “filhos co-

¹⁰ Lacan, J., *La tercera, Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial. 1988, p. 86.

¹¹ Marx, K., *El capital*. Libro I. El proceso de producción del capital. Mercancía y dinero. Madrid: Axal. 2000, p. 103.

dependentes”, acompanhados de manuais de bons pais, vítimas a salvo e vitimários bem resguardados. Um ideal de amor sem gozo vende-se de forma implícita em mega conferências com um forte apelo de marketing que promete felicidade e cura. De acordo a este olhar, não somente com as drogas (se) intoxica, os pais podem injetar o veneno a um filho. Mas, estamos ao tanto da inevitável toxicidade do gozo e da evidente adição que o gozo convoca e também das consequências de sua desmedida; como pensar os laços “tóxicos”? Os pais tóxicos podem pensar-se ao lado do que localizamos como o estrago materno e a queda do nome do Pai? Tal para qual, talvez possam ser pensados como os antecedentes da proliferação de modalidades excessivas de gozo, onde o que também se pulverizou não foi somente o nome, mas também a função, um Não evanescido acompanha o êxodo dos chamados adultos, ninguém ao mando da família, sem lei somente como o gozo empurrando a um sujeito. Hoje em dia existe uma tendência cada vez mais marcada em supor que o mal está no próximo, sempre visto como inimigo. Nosso tempo é o de uma época paranoica, que como tal, incita à violência. Pense-se, por exemplo no auge que teve o livro de “auto ajuda” titulado “ Gente Tóxica” da norte-americana Lilian Glass que rapidamente tornou-se em Best Seller: Como indicador da rápida assimilação da má cultura norte-americana, não demorou muito para ser publicado em nosso país um tipo de réplica. A consigna propagou-se com facilidade, e mesmo as pessoas que não leram o texto gostam de referir-se à toxicidade dos outros, estampando-os este qualificativo. Tudo aquilo que não seja do nosso agrado, logo cairá sob esta impronta e se algo próprio incomoda, mais fácil é atribuir a causa aos outros. Páginas inteiras encaminhadas para assessorar aos leitores sobre como reconhecer sujeitos “tóxicos” pessoas ávidas por encontrar o segredo para poder identificá-las. Trata-se de um manual que brinda pautas para divisar aqueles que “roubam os sonhos e então ali desfilam: o manipulador, o violento, o invejoso, o fofoqueiro, o orgulhoso etc. Na base o que aparece como implícita é a concepção do sujeito, como vítima, e do outro, como inimigo. Claro que sob esta última categoria estariam todos os integrantes da humanidade, já que não existem seres sem sintomas, o gozo de todos nós tem algo de “tóxico”, não somos almas puras. Há quarenta anos Lacan previu que: “Nosso futuro de mercados comuns será balanceado pela extensão cada vez mais dura dos processos de segregação”.¹²

¹² Lacan, J., Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanálisis en la Escuela. *Momentos cruciales de la experiencia analítica*. Buenos Aires: Manantial, 1987, p. 7.

Na “Nota sobre o Pai Lacan define a segregação como: “o rastro, a cicatriz da evaporação do pai...”.¹³

Agora a segregação se exerce já nem sequer com respeito a uma classe, sob o nome de “gente tóxica” todo mundo poderia ser afetado. Definitivamente: promoção da toxicidade sob a forma do gozo ilimitado que anula ao Nome do Pai como regulador do gozo e, por outro lado ideal de assepsia: paranoia.

5. Amy Winehouse - a casa do vinho.

Novamente escolhemos um artista para que nos ensine alguém que há dado testemunho de sua relação com o inconsciente e com o gozo. Amy Winehouse teve uma vida vertiginosa. Catalogada como a melhor voz de nossos tempos por Tony Bennett sofreu os embates da sua relação com as drogas até formar parte do sinistro “club dos 27”.¹⁴

Sua mãe enfatizava que era difícil enfrentar a Amy, tratava-se de uma menina com decisão, e ela não era o suficientemente forte para dizer ”para”. Destes anos Amy, lembra da ausência de seu pai. Dirá que nunca estava para as coisas importantes.¹⁵

Mitchell, seu pai, também faz referencia a esta época: “Conheci a outra mulher quando Amy tinha 18 meses de idade. Trabalhávamos juntos, tínhamos um romance, mas passaram oito ou nove anos antes que deixasse a casa”. Afirma: “Fui um covarde... mas senti que Amy superou rapidamente”.

As lembranças são diferentes para Amy. Segundo dizia, ela era uma menina alegre, nervosa e agradável até a separação de seus pais. Neste momento pensou: “Posso vestir-me como queira. Posso falar palavrões , posso usar maquiagem, isto é incrível”.

Em torno dos 13 ou 14 anos sua vida tem uma reviravolta. É levada a um médico lhe medicam com antidepressivos. A medicação é Seroxat, que mais tarde foi proibido por seus efeitos adversos.

¹³ Lacan J., Nota sobre el padre. Revista *Lacanianana de psicoanálisis* N° 20. Carta al Padre. Buenos Aires: Eol. 2016, p. 9.

¹⁴ El club de los 27 es una expresión utilizada para referirse a una serie de músicos que murieron a los 27 años, generalmente por el abuso de alcohol y drogas. Entre ellos Robert Johnson, Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison y Kurt Cobain.

¹⁵ Los testimonios están extraídos del documental: Barker, A., Bell, P., Gay-Rees, J., Joseph, D., Pank, G. (productores), Kapadia, A. (2015) *Amy* (documental) U. K.: Film4 (en asociación con) On The Corner Films.

Com respeito a isso, Amy lembra que o medicamento a deixava louca e muito descuidada. Também dá a entender certa posição melancólica. Enfatiza que desconhecia o que era a depressão, ainda que às vezes se sentisse estranha e diferente. Neste ponto a música surgiu como uma solução diferente à medicamentosa. No Mal estar da Civilização Freud apresenta um desenvolvimento em torno a gênese do Supereu. Não descarta para esta gênese a mútua influência de fatores congênitos e outros ambientais. Menciona um texto de Franz Alexander, de quem sinaliza que há formulado acertadas ideias referidas ao que chama de uma “educação patógena”. Distingue dois tipos, uma excessivamente severa e outra de consentimento. Sobre esta última explicará que o pai “desmedidamente brando e indulgente “ocasionará na criança a formação de um Supereu muito severo, por isso a criança, sob os efeitos do amor que recebe, direciona a agressão ao interior”.

Perguntamo-nos como podem ter gravitado estes primeiros” assuntos de família” que sucederam uma série de quedas e recaídas no álcool e nas drogas e, fundamentalmente, num deliberado forçamento por entrar ao mundo das chamadas drogas duras, ou seja, as mais daninhas para o organismo.

Enquanto Amy ganha fama como cantora de jazz, conhece a Blake Fielder. No começo do namoro, Blake menciona: “Acostumava dizer que éramos como gêmeos e que esta era nossa relação”. Chama atenção que ante a uma primeira rejeição destas drogas Amy insiste até ficar fissurada às mesmas sob o argumento de querer ser em tudo igual a seu *partenaire*.

Blake Fielder traz suas lembranças sobre o começo do consumo. “Reconheço que estive presente na primeira vez que Amy provou a heroína, de fato a droga era minha e sei que jamais havia experimentado com estas coisas se não tivesse sido por minha influência. Mas também é certo que você não se fissura diretamente depois de provar a substância pela primeira vez, ela desenvolve deliberadamente a adição nas semanas seguintes. Acho que passaram dois meses desde esta primeira vez quando Amy começou a sentir a necessidade de fumar heroína de forma regular, mas sempre a fumávamos e jamais a injetávamos quando estávamos juntos”.

Paradoxalmente a música que a “catapultou a fama foi Rehab (Reabilitação). prêmio MTV 2007 a “música mais aditiva”, o resto de uma série de marchas e contramarchas referidas a suas tentativas de sair das drogas e os compromissos de trabalho impulsionados por seu pai para que relate uma e outra vez, através de suas músicas, como é a vida de uma mulher no inferno das drogas.

Sempre estive no seu horizonte realizar novos projetos que a afastassem do mundo das drogas, como formar uma banda de jazz, mas sua fama e os contratos milionários que a

ofereciam não lhe deram esta possibilidade. Então começou a beber compulsivamente, Winehouse (literalmente a casa do vinho) morre de coma alcoólica.

6. Os assuntos de família nas toxicomanias.

Uma das questões que tratamos, é pensar nestes “assuntos família” que nos convocam nesta ocasião, como um dos modos que tem o sujeito de defesa contra o real.

“No argumento da VII ENAPOL¹⁶ define-se aos «assuntos de família» como uma série de maus entendidos edípicos nos quais alguém que se há constituído”, o como “escórias herdadas do discurso do Outro” para correlacionar, aos “assuntos de família”, com as elucubrações ou delírios que cada um na sua singularidade constrói, a modo de defesa, ao redor do real para manter-se à distância. Um real que se caracteriza por ser insensato, fora de sentido e de lei, e por tanto traumático. Um real que não se enlaça a nada mas que se impõe, fazendo necessário que a estrutura responda uma articulação ao sentido.

Podemos pensar as toxicomanias como um relevo das defesas contra o real? O ser falante precisa recursos, a modo de resposta, para sair do caos originário de lalengua. Será este núcleo de gozo, que se impõe, sobre o que se montará de maneira defensiva o fantasma, o inconsciente transferencial, o Édipo, ao que chamamos de “assuntos de família”. Trata-se de tentativas de ligar o traumático a partir do nome do pai que, como operador do encadeamento, permitirá subjetivar este trauma inicial. Ou seja, dar sentido a sua própria existência a partir de “deixar-se enredar pela série de maus entendidos edípicos nos que alguém se há constituído”.¹⁷

Se bem, estes são ARMADOS artificiais, soluções ficcionais e mentirosas, com as que o sujeito tenta elaborar um ponto do sem sentido, são ainda assim “envolvimentos” que estão em relação a modalidade de gozo que cada um lhe adjudica ao seu Outro, a diferença dos gozos homogeneizantes que oferta o Outro ao mercado.

O consumo de substâncias tóxicas costumam eclipsar os “ assuntos de família” e é nossa pauta para a instalação da transferência nestes casos, iniciar um caminho para reencontrarse com estas escórias herdadas do discurso do Outro.

¹⁶ Asuntos de familia: sus enredos en la práctica. Argumento.

<http://www.asuntosdefamilia.com.ar/es/template.php?file=Argumento.html>

¹⁷ *Ibidem.*

Traducción: Carina Teixeira